

DE PAR
M PAR
MINHO

ALVES REDOL

A Vida Mágica da Sementinha

UMA BREVE HISTÓRIA DO TRIGO



António ALVES REDOL nasceu em Vila Franca de Xira em 29 de Dezembro de 1911. Frequentou o Curso Elementar de Comércio, que terminou em 1927. O seu primeiro texto foi publicado em 10 de Julho de 1927 no jornal *Vida Ribatejana*. Em 1928, com 16 anos, Alves Redol parte para Angola, onde permanece quatro anos e exerce várias profissões.

Em 1938 publica *Glória, Uma Aldeia do Ribatejo*. Em 1939 é editado o seu romance *Gaibéus*, que pode ser considerado como tendo inaugurado o Neo-Realismo (movimento literário que pre-tende reflectir a vida e os anseios do povo) em Portugal. A partir daí publica cerca de trinta obras (incluindo romances, contos, peças de teatro, livros para crianças), de que se destacam os seguintes romances: *Avieiros* (1942), *Fanga* (1943), *Horizonte Cerrado* (1949), *Os Homens e as Sombras* (1951), *Vindima de Sangue* (1953), *A Barca dos Sete Lemes* (1958), *Uma Fenda na Muralha* (1959), *O Cavalo Espantado* (1960), *Barranco de Cegos* (1962), *Muro Branco* (1966), *Os Reineiros* (1972).

A par da sua actividade literária, Alves Redol desenvolveu intensa actividade política. Nomeadamente, em 1945 fez parte da Comissão Central do MUD (Movimento de Unidade Democrática) e em 1948 participou no Congresso dos Intelectuais para a Paz, realizado na Polónia. Devido às suas convicções democráticas, foi várias vezes preso pela polícia política do regime fascista.

Alves Redol faleceu em Lisboa em 29 de Novembro de 1969.

ALVES REDOL

A Vida Mágica da Sementinha

UMA BREVE HISTÓRIA DO TRIGO



Ilustrações de Carlos Marques

DE PAR
EM PAR
CAMINHO

col: 8/82-3-RED
Biblioteca Carlos Cêcio
Constância

Nº 720
Data: 28-06-07
CDU: 82-3

Para o António

A VIDA MÁGICA DA SEMENTINHA

Uma Breve História do Trigo

Autor: Alves Redol

Capa: Secção Gráfica da Editorial Caminho
sobre ilustração de Carlos Marques

Ilustrações: Carlos Marques

Revisão: Secção de Revisão da Editorial Caminho

© Herdeiros de Alves Redol

Tiragem: 10 000 exemplares

Composição: Secção de Composição da Editorial Caminho

Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense

Data de impressão: Março de 1995

Depósito legal n.º 72 087/93

ISBN 972-21-0892-1

Depósito legal n.º 72 087/93
ISBN 972-21-0892-1



Índice

Falam os bagos de trigo	11
O rapto da Sementinha	15
O milagre de um Rouxinol apaixonado	19
O ladrão escapa-se e a Sementinha cai	23
Velhas histórias que convém saber melhor	27
Em poder da Feiticeira	35
O grande mistério	43
Ressurreição	49
Uma menina com tranças	55
A Sementinha é esquartejada	61
As meninas sementinhas vão à escola	63
A Asa de Corvo casa-se como os chineses	67
Um viveiro de sementes e de histórias	73



Falam os bagos de trigo

Metidos numa velha arca, desde que o Ant3nio Seareiro os guardara para semente, os bagos de trigo tinham acabado por adormecer naquela escurid3o de muitos meses, julgando talvez que estavam esquecidos e ali ficariam a apodrecer o resto da vida.

Ignoravam, pois, que o *Doirado* um boi amarelo todo paci3ncia e poder, j3 lavrara com a charrua, no Outono, a parte da leiva destinada 3 sementeira e que o Ant3nio preparava a grade com que desfaria os torr3es do alqueive, na esperan3a de uma boa colheita, tanto mais que j3 comprara um saco de adubo para revigorar a terra cansada.

S3 quem vivesse a apatia dorminhoca dos bagos resignados poderia entender depois o entusiasmo e a alegria que rebentaram na velha arca mal a Maria Rita lhe levantou a tampa e a luz do dia os sacudiu. At3 o Serrano — vejam l3! —, um bago anafado e sempre resmung3o, se p3s a saltitar de contentamento,

como se percebesse, o maroto, o destino que lhe reservavam.

E não se enganava, o espertalhão!

Toda desembaraços, que a vida no campo é sempre de labuta, a Maria Rita tirou-os, às punhadas, para um grande tabuleiro; e, vai daí, foi sentar-se à porta do casebre para os escolher, mesmo à chapa de um solzinho que era um consolo de brandura.

Logo as sementes, ainda aturdidas, se puseram a gritar:

— Viva, amigo! Viva! Bom dia!...

— Olá! — respondeu-lhes o Sol Soalheiro. — Estiveram a dormir este tempo todo, não? Boa vida, não há dúvida!

— Sempre tens cada uma! — disse o Amarelo de Barba Preta, um velho grão de trigo muito sabido. — Boa vida numa escuridão daquelas?...

A tocar uma campainha tagarela, que levava pendurada ao pescoço, já o *Doirado* arrastava a grade pela leiva, animado por uma cantiga do António Seareiro e pelo bico do aguilhão, mal o boi parava a olhar a passarada vadia.

Os bagos de trigo perderam a cabeça com aquele espectáculo. Só a Sementinha estava distraída e indignada, pois metera conversa com a Despedida-de-Verão, uma flor amarela com pintinhas vermelhas, que lhe dizia, muito ancha da sua beleza:

— Já viste como sou bonita?... Olha para estes braços todos e para o meu corpo Verde. Que tal?... Repara na minha carapuça vermelha... É linda, não é? Só tu és tão feia, Sementinha!...

— O que hei-de fazer? Nasci assim — respondeu

a Sementinha muito contristada, a choramingar de desgosto.

Logo o Amarelo de Barba Preta, todo ternuras, correu, aflito, para junto dela.

— O que foi, minha pequerrucha?...

A Sementinha nem podia falar com tantos soluços.

— Tem pena de não ser linda como eu — disse, muito orgulhosa, a Despedida-de-Verão.

— Bonita como tu? — respondeu o Amarelo de Barba Preta. — Pois claro que é... E mais bonita ainda porque não é vaidosa.

— Vê-se logo que tens inveja da minha beleza — disse, um nadinha amuada, a Despedida-de-Verão.

— Inveja de quê? Qualquer dia murchas... E depois?...

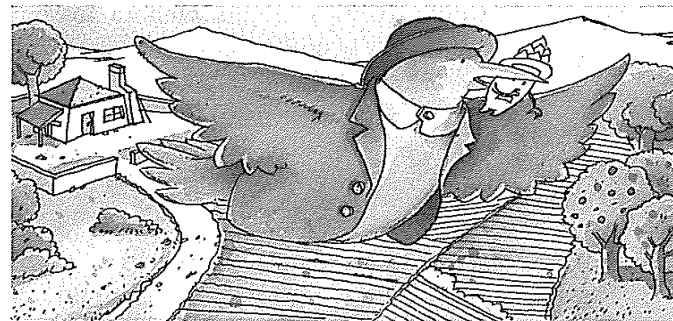
Ferida no seu orgulho, a flor voltou costas ao grão de trigo, enquanto este continuava a animar a Sementinha.

— Deixa lá falar aquela toleirona. Sem a nossa ajuda os homens viveriam pior, calcula tu! Queres coisa mais bela?

— Mas estamos sempre quietos — lamentou o Serrano gorducho.

— Quietos é como quem diz... Temos andado por todos os caminhos do mundo.

Foi neste momento preciso que um passarico, aproveitando a ausência da Maria Rita, passou pelo tabuleiro, num voo raso, e roubou a Sementinha com o bico guloso.



O rapto da Sementinha

Os bagos de trigo nem tiveram tempo de ver o que se passara, tão inesperado foi o desaparecimento da Sementinha, que ainda começara aos gritos ao sentir-se levada pelos ares fora. Mas logo pensou que iria viajar de avião por esse mundo além; e calou-se, embora se sentisse entontecida com a vertigem do voo.

O raptor da nossa donzela era um rouxinol vagabundo, que deixara emigrar os companheiros de viagem para as terras da África e da Ásia, ficando por ali como professor de Música dos pássaros sedentários, que não receavam o Inverno. E, como lhe faltasse de comer no bosque onde morava, vá de o procurar na leiva do António Seareiro.

A verdade é que ele não sabia por que razão ferra o bico na Sementinha morena, quando tinha ali outros bagos mais gordos. Só percebia agora que a levava consigo e que já entrara no seu bosque, pro-

curando a sarça onde fizera o ninho, embora fossem boas horas de começar a lição de canto.

«Mas primeiro vou comer este petisquinho!», pensava o Rouxinol vagabundo. E assim que largou a presa em cima da sua cama pôs-se a fitá-la com os olhos grandes e vivos, como se escolhesse por onde deveria começar o banquete.

— Que belo jantar! — disse, todo contente, pondo-se a afiar o bico nos bordos do ninho.

A Sementinha, que até ali estivera deslumbrada com aquela plumagem cinzenta, muito ruiva por cima e amarela por baixo, não conseguiu esconder o receio quando lhe ouviu semelhante desabafo. E, muito sorrateira, de vozita mimalha, vá de lhe perguntar, para o distrair:

— Para que aguças mais o teu bico, já tão agudo?

O Rouxinol sentiu um baque no coração, voltando-se, envergonhado com os seus ruins pensamentos.

— Essa agora!... Não estou a afiar o bico...

— Não sejas mentiroso! — repreendeu a Sementinha. — Não será pra me comeres?

— Bem!... Não sei bem... E se fosse?!

— Era uma pena — disse a Sementinha, sem denunciar o medo que sentia. — O Amarelo de Barba Preta contou-me coisas tão lindas da minha vida!... Mas paciência!...

O Rouxinol começava a comover-se. Volvera a cabeça, coçava as asas com o bico e saltitava da cama para os bordos do ninho.

— Não gostas de ver as searas pelo Verão? — lembrou-se a Sementinha de perguntar.

— Gosto!... Lá isso gosto!



— Pois é de mim que elas nascem...

O músico pôs-se a rir com gosto:

— Não acredito...

— És bem tolo — respondeu a outra. — Sabes pouco do mundo.

— Mas sei cantar. Sou professor de Música...

— Ah! — exclamou a Sementinha a sorrir. — É bonita, a música... Eu já ouvi o António Seareiro cantar ao boi *Doirado* e gostei muito.

— Esse, ao pé de mim, é um burro a zurrar.

E riu-se outra vez o Rouxinol.

— Então, canta lá pra eu ouvir. E dou-te a minha palavra de honra, palavrinha, de que se cantares melhor do que ele digo-o a toda a gente.

A Sementinha inventava pretextos para afastar o pássaro daquela ideia de comer, pois não sabia que a sua vozita mimalha já lhe tocara o coração.

— Canta! — insistiu ainda, receosa do silêncio do outro.

O Rouxinol fez-se rogado.

— Eu só canto nos teatros ou nas aulas...

— Mas canta só uma vez... — pediu a Sementinha, muito meiga.

Tão meiga que o Rouxinol faminto se comoveu de tal modo com a ternura daquela vozita que logo começou num gorjeio vibrante e suave ao mesmo tempo, já esquecido de que tinha fome.

Foi então que à porta da sua casa, toda graciosa de movimentos, apareceu a cabeça azul-escura de Chapim alcoviteiro.

— Ó mestre! Ó mestre! ... Olhe que estamos todos à sua espera.

A Sementinha espreitou e viu-lhe o peitilho muito

amarelo listrado de preto, enquanto o seu carcereiro, atropalhado, procurava escondê-la.

— Vai andando, que eu já vou — disse ainda o professor, para arranjar desculpa.

— Olhe que temos hoje ensaio geral — insistiu o Chapim Azul.

Abelhuda, a nossa donzela falou debaixo do corpo quentinho do professor de Música:

— Eu gostava de ir também...

O Rouxinol ficou vermelho dos pés à cabeça.

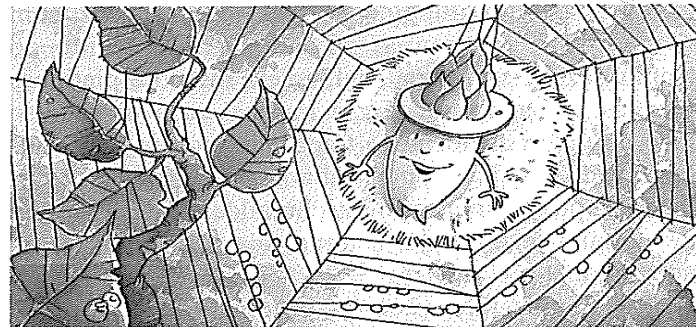
— Ó mestre! O mestre mudou de cor — disse, todo rebiteso, o Chapim Azul.

E a Sementinha, que conseguira safar a cabeça, espreitou-o e confirmou, pondo-se depois entre os dois pássaros.

— Eu prometo não falar no ensaio — juntou ainda, para os convencer. — Juro-lhes!

Logo o Chapim Azul piscou o olho ao Rouxinol, dizendo que sim, que podia ir.

O pior foi a zaragata que logo surgiu entre os dois pássaros, quando ambos se propuseram levar a Sementinha para a tília onde se faria o ensaio do coral. Bicada daqui, bicada dali, nem o professor conseguiu impor respeito ao aluno, nem este se atemorizou com as ameaças de lhe porem na cabecita azul um par de orelhas de burro. E foi a Sementinha que os acalmou, lembrando ao Chapim que ele a traria a casa depois do ensaio, mas que desta vez o lugar cabia, por direito, ao Rouxinol vagabundo.



O milagre de um Rouxinol apaixonado

Já babadinha de prazer, a nossa donzela voou de novo no bico magano do professor de Música, que a levava por entre os troncos dos pinheiros, dos freixos, dos eucaliptos e dos carvalhos, numa perícia de aviador que sabe usar da cauda como de um leme aperfeiçoado. E quando a foi pousar, carinhosamente, sobre a teia doirada de uma aranha que fugira às chuvas soaram no bosque, como clarins, os trilos joviais dos bicos amarelos de um bando de melros, muito graves nos seus fraques pretos de cerimónia. Já o Chapim Azul trazia no biquito curto um pedaço de musgo para servir de almofada à Sementinha, enquanto outros dois pegavam nas pontas dos fios da teia e embalavam a nossa amiga com desvelos de camareiros reais.

Muito solene, o Rouxinol bateu com o bico na sua estante de professor, chamando a atenção dos naipes do coral.



— Estava um grupo de carriças ou estrelinhas, com a sua crista em poupa, ao lado de um bando de tentilhões, de larga capa azul, colete rosado e pintinhas brancas, afinando uma frase musical toda viveza; ao lado do melro estridente, a trepadeira, no seu fato azul-arruivado, enquanto mais abaixo, num galho desfolhado, o pisco pipilava, muito humilde, no seu peitilho de púrpura, e a coruja, soturna, piava do alto de um eucalipto.

— Vamos, atenção! — bradou o Rouxinol, já irritado.

Gotas de chuva refulgiam como pedras preciosas nas últimas folhas doiradas do bosque. E um bando de galinhas e tordos chegou atrasado, a lembrar que o Inverno moraria ali por algum tempo.

Foi por isso mesmo que todo o orfeão ficou surpreso quando o professor bateu de novo com o bico na estante e anunciou com arrogância:

— Vamos cantar a *Toada da Primavera!*

E, sem dar conta dos gestos de mau humor da passarada, pôs-se a cantar. Mas cantou sozinho.

— Então?! — perguntou, zangado, quando reparou no silêncio dos alunos.

Foi o Chapim Azul quem falou pelos outros.

— Ó mestre! Não vê que sem o Sol não podemos cantar essa partitura?...

— E sem flores também — disse o Tentilhão, sacudindo a capa azul como um fidalgo espanhol.

— E com este frio — juntou o Pica-Peixe.

— Eu, por mim, estou rouca — disse a Coruja, compondo os óculos.

Desdenhoso, o Rouxinol olhou para cima e respondeu:

— Tu estás sempre rouca. — E dirigindo-se aos outros: — E querem vocês cantar no teatro!... Um bom cantor não conhece os dias nem as horas. — E empertigando-se todo: — Eu canto sempre...

— Sempre... é como quem diz — respondeu o Pisco. — Quando anda de namoro. Só então o mestre canta todo o dia e pela noite adiante... Nem dorme...

Risada geral nas aves do bosque, que logo se comunicou às árvores e aos arbustos, rindo mais alto do que nenhum, o Carvalho, o senhor patriarca da pequena floresta.

O professor, irritado, ameaçou de abandonar o ensaio, voando para junto da Sementinha, que continuava embalada pelos dois chapins. Muito baixinho, para que os outros a não ouvissem, a Sementinha sussurrou-lhe:

— Não te faças birrento... Mostra quem és!

Ainda indeciso, o Rouxinol voltou para o seu lugar; e bateu depois, mais uma vez, com o bico na estante, para logo dar início a uma das suas melodias mágicas, tão firme e requintada que os outros pássaros, ora um ora outro, e todos depois, se puseram a acompanhá-lo o melhor que podiam.

Maravilha das maravilhas, o Sol despertou, confuso, sem entender o que se passava, e abriu os braços de oiro, longos e quentes, como se estivesse em Maio. E logo os fetos se tornaram verdes, e de entre eles brotaram lírios brancos, roxos e amarelos; e as campainhas azuis, com os malmequeres, as boninas humildes e os tapetes de musgo apareceram numa magia de cores, enquanto as árvores ganhavam folhas e os arbustos perfumes.

Aos bandos, vindos das terras quentes do sul,

chegavam mais rouxinóis, poupas cabeçudas, cucos bizarros e rambóias e pintarroxos tenores, que logo cantavam no alto dos galhos do bosque até há pouco adormecido.

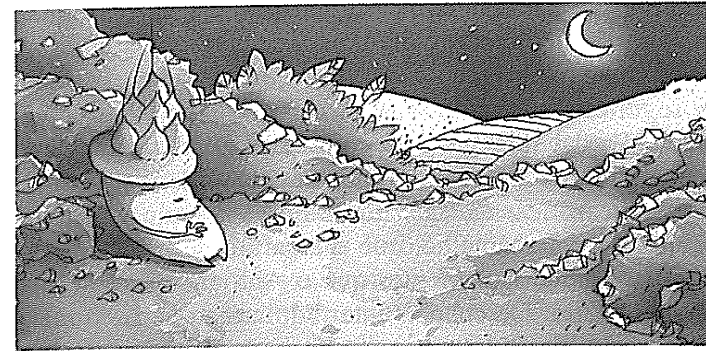
Apaixonado, o professor de Música levava a palma a todos.

E nem dava pela chegada das toutinegras reais, dos abelharucos e dos pintassilgos cantadores, enquanto os picapaus e os petos marcavam ritmos bárbaros na casca das árvores e a felosa imitava todos, louca de prazer e tonta de melodias, ora soprando flauta como a toutinegra, ora exprimindo-se em fugas como o tordo, ora trinando como o tentilhão de colete cor-de-rosa.

Deslumbrada, a Sementinha pusera-se de pé, a querer cantar também, enquanto o Rouxinol, cada vez mais apaixonado, lhe sorria dos ramos da tília perfumada.

Feio e humilde, sem coragem de se chegar aos outros, veio o Pardal espreitar o que se passava, e também ele cantarolou, desajeitado, o «estruma a terra», que é o seu canto conselheiro ao lavrador tardio. Só ele, faminto e desasado com as chuvas, não acreditava naquela Primavera precoce.

Quando reparou na Sementinha, delirante no seu balouço doirado, e se lembrou das eiras, sentiu um baque de fome no estômago vazio. E sem mais aquelas, ladrão e vivo, voou rápido sobre o trono da noiva do Rouxinol, levando-a consigo, enquanto um grito de terror enchia o bosque e matava a Primavera.



O ladrão escapa-se e a Sementinha cai

E logo o bosque ficou triste com os ramos a soltarem pingos de chuva, como se as árvores chorassem o desgosto do professor de Música.

Apavorada, a Sementinha bem sentia no corpo que aquele bico era diferente do outro que a levava na primeira viagem. E não se enganava. Enquanto o do Rouxinol era um instrumento delicado para executar cantos melódiosos, o do Pardal era uma ferramenta forte, como um quebra-nozes, que a partiria num instante, logo que descobrisse um sítio sossegado para a devorar. A fome do Pardal era negra. Que o dissessem muitos outros grãos que ele furtara nas eiras e nos celeiros.

Valera até ali à Sementinha a perseguição da passarada, que clamava sem canseiras:

— Agarra! Agarra, que é ladrão!

À frente de todos, alucinado, o Rouxinol vagabundo batia as asas com frenesi, enquanto o Pardal procurava

um refúgio para comer o seu jantar. E a verdade é que, pouco a pouco, conseguia aumentar a distância entre si e os perseguidores, que, por fim, já esgotados, ficaram a segui-lo de longe.

O Pardal ia cego pela carreira, mas, mal percebeu que os outros se ficavam para trás, abriu bem os olhos para se certificar da sua vitória. Foi então que viu à sua frente o Sr. Espantalho, que estava ali, de braços abertos, a guardar as sementes que o António Seareiro iria deitar à terra. De chapéu enterrado até ao nariz, o mal-dito seria capaz de meter medo a um milhafre, quanto mais a um mísero pardaleco espavorido. E, num instante, julgando ver no Sr. Espantalho o chefe dos seus perseguidores, largou a Sementinha do bico e voltou, assarapantado, para a banda de umas moitas.

Solta de tão grande altura, a nossa amiga sentiu-se tonta com a vertigem e pensou: «Aquele maroto empurrou-me sem pára-quedas e agora...»

Mas não teve tempo para acabar o seu raciocínio, porque chegou ao chão e perdeu os sentidos.

Quando abriu os olhos, mal se mexendo com o corpo dorido, viu-se sozinha no meio do campo. Ouviu ao longe a campainha do *Doirado*, chamou pelos companheiros, mas ninguém lhe respondeu; lembrou-se de pedir a ajuda do Sol, e também este desaparecera no poente, deixando no céu pardacento uma mancha rosada.

Começava a escurecer.

Por instantes, a Sementinha encheu-se de receio. Logo, porém, se lembrou que tinha de procurar uma saída para aquele isolamento e ganhou forças para não perder a calma. «Amanhã veremos o que devo fazer...», pensou, resoluta.

E quando a noite chegou a nossa amiga procurou um torrãozinho de terra, deitando nele a cabeça para adormecer. E sonhou com o Rouxinol vagabundo, a cantarolar para lhe trazer o sono, enquanto os dois chapins azuis a embalavam na teia doirada da aranha; depois vinham mais pássaros, todos os que vira no ensaio do bosque, e que traziam no bico o Amarelo de Barba Preta, o Serrano, o Rubião, o Mocho de Espiga Branca e os outros seus companheiros, bagos de trigo. Que grande festa lhe fizeram!...

E foi assim que acordou, com um solinho muito ameno nos olhos, logo bem abertos quando viram o António Seareiro a espalhar sementes, em grandes punhadas, pela terra riscadinha e negra.

Antes que pudesse dar-lhe os bons-dias já estava à sua beira o Amarelo de Barba Preta.

— Nem ganhámos para o susto! — disse o velho bago de trigo.

— Não era caso para isso — respondeu a Sementinha um tanto vaidosita por se saber viajada. — Nem calculas como foi bom experimentar esta aventura...

Riu-se o velho bago de trigo com a basófia da companhia. E enquanto ela se mostrava estranha com as gargalhadas do velho, este cortava-lhe as veleidades.

— Viagens e aventuras são as que vamos viver dentro de pouco tempo. — E num tom saudoso: — Os nossos avós também as tiveram e conheceram um mundo bem diferente do nosso... É bonita a história dos nossos avós.

— E tu sabe-la? — perguntou, curiosa, a Sementinha.

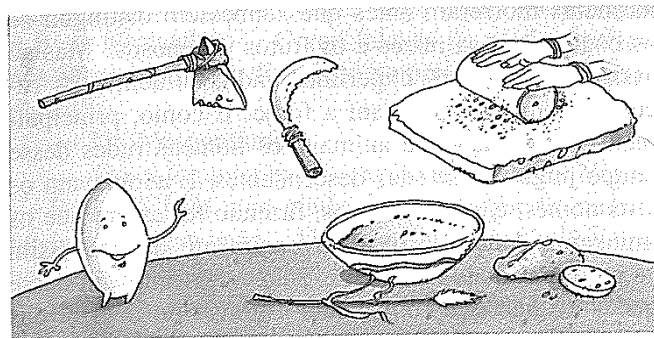
— Um pouquinho — respondeu o Amarelo de

Barba Preta. — Se a soubesse toda, estava aqui muitos anos para ta contar...

— Então conta o que sabes.

E a Sementinha aconchegou-se num rego da leiva, enquanto o velho bago de trigo se sentava, de perna cruzada, começando a contar uma história, perante a curiosidade de outras sementes que se haviam chegado para saudar a companheira raptada.

— Era uma vez...



Velhas histórias que convém saber melhor

— Há aí uns oito mil anos...

— Ena! — disse, espantado, o Serrano gorducho.

Os outros grãos olharam-no numa reprimenda, enquanto o Amarelo de Barba Preta se limitou a olhá-lo de banda e a sorrir.

— Os antepassados do homem de hoje — prosseguiu o narrador — viviam em pequenos grupos, onde o trabalho era dividido. E assim, enquanto os varões se dedicavam à caça e à pesca, as mulheres colhiam frutos selvagens e raízes, se as cavernas ficavam junto das florestas, ou apanhavam mariscos, se o mar estava perto.

— Eu sei — disse o Serrano, que elas desenterravam as raízes servindo-se de paus aguçados.

— Que engraçado! — exclamou a Sementinha, muito interessada.

— Trágico é que devias chamar-lhe, minha amiga

— respondeu o Amarelo de Barba Preta. — Quantas

mulheres morreram antes que soubessem distinguir-se os cogumelos, as raízes e os frutos venenosos? Mas só assim foi possível, experimentando, aumentar os recursos com que matavam a fome. E como, principalmente, dependiam de animais, os homens rudes desse tempo julgavam-se seus descendentes. E adoptavam os seus nomes, e adoravam-nos, fazendo festas em que os imitavam, dançando, no convencimento de que assim os caçariam mais facilmente. Tão certos estavam desse poder mágico que começaram a gravar no interior das cavernas os perfis das renas, dos bisões e dos mamutes.

— E os nossos avós? — perguntou o Serrano.

Fez-se um movimento de impaciência entre os bagos de trigo.

— Os nossos avós, e mais a cevada, foram também descobertos entre as plantas selvagens que as mulheres iam encontrando...

— E onde foi? — indagou a Sementinha, mordida pela curiosidade.

— Dizem uns que na Mesopotâmia, outros que na Abissínia...

Sem as sementes saberem como, apareceram-lhes, de súbito, uns estranhos bagos de trigo: um deles era preto, outro vermelho, outro, ainda, azul.

— O que é isto? — perguntou o Mocho de Espiga Branca. — Agora também brincamos o Carnaval?...

— Sabes pouco, companheiro — respondeu o Bago Azul. — Isto não é uma máscara, mas a nossa própria cor...

As sementes estavam espantadas com aqueles grãos bizarros.

— Basta de graças! — disse o Amarelo de Barba Preta.

— Não é o que tu julgas, meu velho — retorquiu o Bago Vermelho. — Como falavas na pátria do trigo, nós viemos para te dizer que somos originários desse país...

— Da Mesopotâmia?

— Do Afeganistão — explicou o Trigo Negro. — É aí, na Ásia, que ainda existe, ocupando campos inteiros, o trigo anão... Um trigo de tamanho bizarro, que é o nosso mais velho antepassado.

Deixando as outras sementes viver uma expectativa que as imobilizava, o grão asiático prosseguiu:

— O nosso povo era pacífico, mas um dia, há milhares de anos, a sua terra foi invadida por outro povo vindo do Ocidente.

— Dias terríveis! — exclamou o Bago Azul. — As guerras são sempre terríveis! Tão terríveis e tão cruéis que ainda hoje há gente do Afeganistão a morar em cidades abertas nas montanhas, com receio dos homens que levaram a guerra...

E o Trigo Azul calou-se, emocionado, como se vivesse ainda essa época distante.

— Uma dessas cidades tem seis andares e doze mil grutas — esclareceu o Bago Vermelho.

— E o que fizeram vocês aos invasores? — perguntou, excitada, a Sementinha,

— Defendemo-nos com tamanho ardor que acabámos por vencê-los. Mas também lhes demos o pão de trigo e de cevada, que eles até aí só faziam das bolotas. E o trigo do Afeganistão viajou pelo mundo.

— Tudo isso levou muitos anos! — exclamou o Trigo Vermelho.

— Mas com os Fenícios e os Cretenses tornámo-nos conhecidos em todo o Mediterrâneo, que era o

mar duma grande civilização. Ao mesmo tempo, os nossos antepassados viajavam mais para o Oriente, chegando à Índia e à China...

— Mas esses preferem o arroz! — interrompeu o Serrano.

— O que não quer dizer que não conheçam o trigo há milhares de anos. Vai para cinco mil anos que o imperador da China lançava à terra, numa cerimónia de grande pompa, a semente de cinco plantas, entre as quais a do trigo.

A assembleia das sementes vivia com entusiasmo aquelas revelações. E de tal modo que o Rubião, sempre taciturno, também arriscou a sua pergunta — nada tola, por sinal!

— E como souberam semear o trigo os homens do vosso país?...

Deu-se um breve silêncio, em que os três bagos viajantes se entreolharam, como a decidir qual deles deveria falar. Por um gesto dos outros, foi o Bago Azul quem retomou o fio da conversa.

— Não se sabe, ao certo, quem descobriu essa oficina maravilhosa que é a terra...

— Talvez as mulheres — disse o Amarelo de Barba Preta — quando deixavam cair os bagos de trigo anão...

— Mas quantos anos teriam decorrido antes que percebessem a razão do aparecimento de novas espigas? — perguntou o Bago Azul. E prosseguindo nas suas interrogações: — E quantos anos mais para descobrir que se obtinham melhores colheitas abrindo rasgos na terra?

— Daí aparecerem as enxadas de pedra, quando o homem já conseguira domesticar o cão, o primeiro

animal que se tornou seu companheiro — disse o Trigo Vermelho. — E a sementeira do trigo deixou de depender dos bagos que caíam e que vingavam, ou dos outros que os pássaros e o vento levavam consigo...

— Como o Rouxinol e o Pardal me fizeram? — gritou a Sementinha num despropósito que o seu entusiasmo justificava.

— Sim, exactamente — respondeu, carinhoso, o Amarelo de Barba Preta. — E esse foi um trabalho das mulheres, enquanto os homens continuavam na caça e na pesca... Com as colheitas também as mulheres perceberam que era preciso arranjar uma ferramenta que as aliviasse do esforço de arrancar as espigas à mão, evitando assim que muitos grãos se perdessem. E apareceram as primeiras foices com dentes de pedra...

— Gente prodigiosa! — exclamou, já convencido, o Mocho de Barba Branca.

— Gente prodigiosa, dizes bem — confirmou o Bago Vermelho. — O que hoje se resolve num minuto levou muitos anos a descobrir. Foi por esse tempo que os homens passaram a adorar, em vez dos animais e das árvores, esculturas toscas de mulheres grávidas... Porque a elas ficaram as tribos a dever um pão mais certo.

— E não só a sementeira e a ceifa como ainda o primitivo processo de moer os grãos...

— Nesses moinhos de velas brancas que ainda hoje se vêem? — indagou a Sementinha.

— Julgo que não, minha curiosa — disse o Amarelo de Barba Preta — olhando para os bagos do Oriente.

— Tens razão nessa dúvida — reforçou o Bago Azul. — Nesse tempo ainda os homens não conheciam

a roda. Os nossos antepassados eram moídos entre um rolo de pedra, movido pelas mãos, e outra pedra fixa. É esse ainda o processo das mós nos moinhos de velas brancas, aparecidos quando os homens, perceberam que o vento os podia ajudar nessa tarefa. Antes, porém, o homem aproveitara a água e criara a azenha...

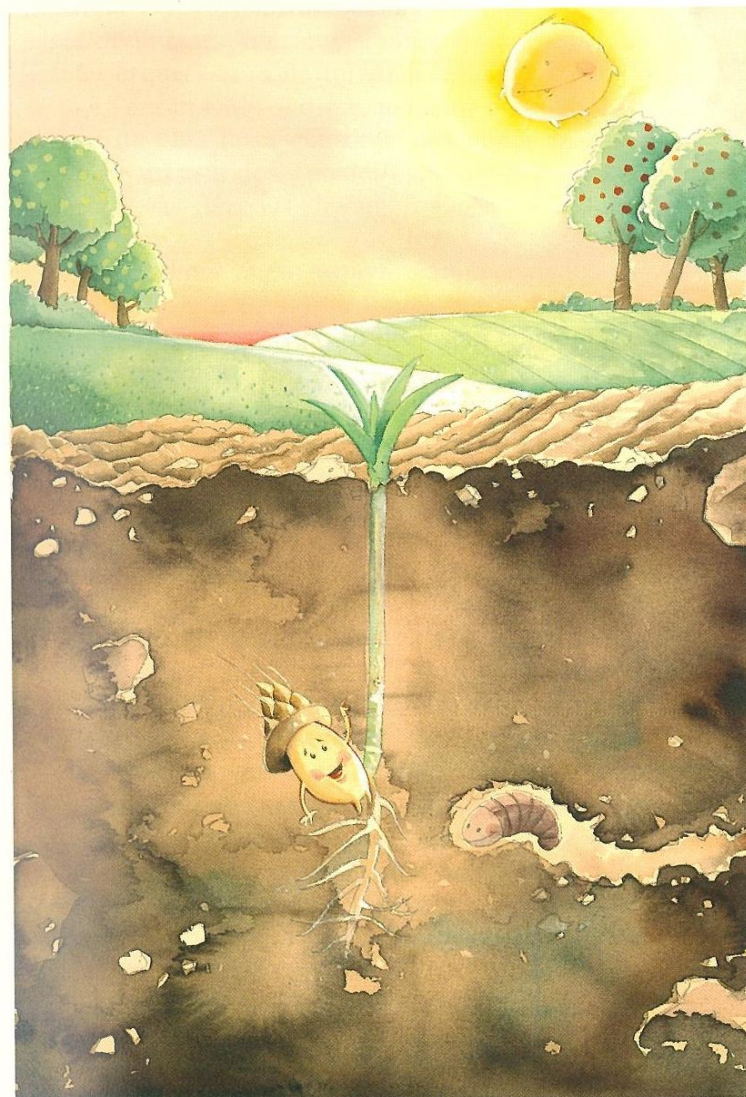
— Estás a esquecer o arado — lembrou o Trigo Vermelho. E, como o outro hesitasse, prosseguiu: — Foram as novas necessidades da agricultura que levaram à realização do primeiro arado de madeira, numa imitação do focinho do javali quando procura raízes para se alimentar. Atrelado a ele, a mulher pensou que precisava de um animal para esse trabalho. E domesticou-se o boi.

— Foi com ele e com o cavalo que o trigo também passou a ser debulhado pelos pés de animais — juntou o Amarelo de Barba Preta. — No nosso país, no Ribatejo, ainda são os cavalos que debulham as favas nas eiras. É um espectáculo cheio de colorido e de movimento ver um só homem a dirigir um grupo de animais, tal como se estivesse a trabalhar num circo com cavalos amestrados.

— Parece uma história para crianças — interrompeu o Mocho de Espiga Branca

— Eu já ouvi dizer — prosseguiu o Bago Azul — que os homens primitivos julgavam que os nossos avós eram deuses que eles enterravam para depois regressarem à vida com lindos cabelos doirados. E faziam-lhes grandes festas. Numa delas, não sei onde, espetavam uma espiga no chão e dançavam à sua volta num agradecimento.

— Todos os povos tinham os seus deuses da agricultura — juntou o Bago Vermelho. — Deuses que



morriam e ressuscitavam como nós... E nas ofertas a essas divindades lá estava sempre o pão, para que elas se não esquecessem de tornar a terra fértil...

— Tem graça! — disse, a sorrir, o Rubião. — Em Tomar há uma festa que deve descender dessas. Chamam-lhe a Festa dos Tabuleiros, durante a qual muitas raparigas, às dezenas, levam fogaças enfeitadas com pão e flores...

— Ora viva quem estava sempre calado! — festejou o Amarelo de Barba Preta, vendo, com orgulho, que o grão envergonhado se dispusera também a contar a sua experiência.

— Por toda a parte se festejavam as colheitas — disse o Bago Negro mal acabou o sussurro provocado pelo gracejo do velho grão. — Mas talvez em nenhuma parte como no Egipto se agradecesse tanto a fecundidade. As pirâmides, que quatrocentos mil escravos levaram cem anos a construir, eram monumentos ao Sol...

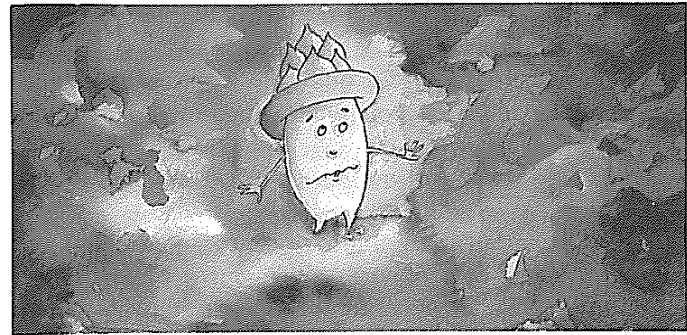
O toque de uma campainha pôs a assembleia em alvoroço.

— Lá vem o António Seareiro com o boi *Doirado*! — gritou a Sementinha.

Como se o vento os levasse, os trigos do Afeganistão desapareceram num relâmpago, tão ligeiros como haviam chegado. A Sementinha ainda lhes quis pedir que ficassem com eles, mas nesse mesmo instante sentiu-se coberta por um manto negro e ficou às escuras, sem ver nem poder gritar.

E logo uma voz estranha, cheia de ecos, chegou aos seus ouvidos:

— Estás em casa da Feiticeira dos mil feitiços!... Sabes o que isto quer dizer?!...



Em poder da Feiticeira

Sem ainda perceber o que lhe sucedera, a Sementinha, no meio das trevas e do silêncio, julgou-se metida numa cadeia, onde terríveis grilhetas lhe apertavam o corpo. E, lembrando-se das aventuras de que lhe falara o Amarelo de Barba Preta, achou que o velho era louco, pois faltava o juízo, por certo, a quem ansiava por uma vida prisioneira passada na escuridão.

Decorreram horas, talvez dias, e a Sementinha começou a irritar-se, dando punhadas nas paredes, que pareciam ir esmagá-la de um momento para o outro. Mas não ouvia o som dos seus murros, nem a prisão cedia para lhe dar esperanças de libertação. Transtornada e receosa, pensou: «Quem seria essa tal feiticeira que me falou?»

Como se o pensamento tivesse voz, logo lhe responderam:

— Estás contente, rapariga?

— Contente sem ver o Sol e sem companhia, só se estivesse pataroca.

— Fazes um sacrifício que vale a pena...

— Achas que sim? Pois então ajuda-me a sair deste inferno.

— É isso mesmo o que eu quero — responderam-lhe.

— Para mentirosa nada te falta — arriscou a Sementinha. — Então queres ajudar-me e prendes-me? — E, sempre curiosa, perguntou de seguida: — Quem és tu, afinal?

— Sou a feiticeira mais feiticeira que o Sol cobre. Tenho poderes mágicos que mais ninguém conhece...

— És talvez a bruxa da floresta... Uma que passeia de noite a cavalo numa vassoura — disse a Sementinha a rir.

— Que disparate — retorquiu, ofendida, a Feiticeira. — Há, porventura, bruxas que montem vassouras? — E perante o silêncio da nossa amiga: — Acreditas nessas histórias absurdas?

A Sementinha deu um guincho, a querer suportar as gargalhadas.

— Se bruxas houvesse, com o progresso de hoje só cavalgariam aspiradores eléctricos...

— Mas tu disste que eras feiticeira — respondeu a nossa amiga para ouvir a outra. — Quem és, então?!

— Sou a Terra...

— A Terra?!...

— Sim. E estás no meu palácio.

— Lindo palácio, não há dúvida — disse, com desprezo, a Sementinha. — Nem dinheiro tens para comprar um rele candeeiro a petróleo...

A Terra riu-se mais uma vez, enquanto a nossa amiga prosseguia no mesmo tom indignado:

— As visitas não se recebem com esta falta de atenção...

— Aí é que te enganas, rapariga. Tu não és minha visita. Estás prisioneira no meu palácio e só te libertarás quando trabalhares muito. Nada se consegue sem trabalho, minha amiga.

— Mas que queres tu que eu faça? — gritou, desvairada, a Sementinha.

— Que te libertes como os teus companheiros, que já vão bem adiantados a esta hora.

— O Amarelo de Barba Preta e o Serrano também?

— Sim, também esses. Vais ser encantada como eles e passarás por transformações que te espantarão. Mas nunca deixes de trabalhar... Se o fizeres, apodrecerás num instante.

— Isso não! — rogou a nossa amiga.

— Os mandriões não merecem dó — retorquiu a Terra num tom que não deixava dúvidas.

E a Terra calou-se, embora a nossa amiga a chamasse ainda para lhe pedir conselhos. Sem colher resposta e sem outro remédio, a Sementinha aconchegou-se na prisão onde a tinham metido e, zás que zás, vá de agatanhar as paredes da cela.

O pior é que o esforço lhe pedia água, e toca de a beber, como podia e sem parar. Sempre sedenta, quanto mais água bebia mais sede lhe chegava. E pensou, aterrorizada, que o seu encantamento não teria fim, já convencida de que a Feiticeira a iria matar no meio do maior dos suplícios. «Morrer à sede deve ser terrível», dizia a nossa amiga a meia voz.

E, como o corpo enrugado se tornasse liso e crescesse e o ar para respirar lhe chegasse por entre as grades da cela, julgou depois que acabaria de rebentar de inchaço, como a pele esticada do bombo de um zé-pereira.

«Ou ir ser bola?», pensou ainda, vendo-se logo transformada numa bola de borracha, daquelas riscadinhas, com muitas cores, entre uma matula de rapazes que a jogariam com os pés.

A ideia não lhe desagradava. Correr e saltar, mesmo a pontapé, sempre seria melhor do que passar os dias na escuridão.

Mas logo o seu interior se tornou num líquido leitoso e branco. E a Sementinha deu-se em admitir que o seu primeiro encantamento seria em cabra ou vaca leiteira, dessas malhadas e bem capazes de darem leite a uma creche de bebés famintos. O que a desnorteou depois foi o reparar que do corpo lhe saía um rabinho muito airoso.

«Querem ver que vou ser cavalo?» interrogou-se maravilhada. «Cavalo, sim, seria formidável... Gostava tanto de ser um cavalinho branco!... Mas também pode ser uma tromba de elefante... Lá isso pode!»

E, não conseguindo suster por mais tempo aquela ansiedade, a Sementinha perguntou à Feiticeira.

— Diz-me cá uma coisa, tem paciência... Isto é um rabo ou uma tromba? Diz depressa! — E depois de uma hesitação: — Eu, por mim, gostava mais que fosse um rabinho...

A Terra achou-lhe graça.

— Não me rales! — suplicou a nossa amiga.

Carinhosa, a Terra-Feiticeira explicou-lhe:

— Isto é a raiz por onde recibes o comer que te dou. Trabalha, anda, se queres sair daqui.

E de novo a nossa amiga se atirou à tarefa de crescer. Ficou, porém, um tanto atrapalhada quando percebeu que enquanto aquela cauda lhe crescia para baixo uma outra se desenvolvia também para cima.

«Esta agora! Eu fico maluca, com certeza!», pensava, aflita.

Valeu-lhe um bicho de conta que ali viera descansar e lhe passou perto.

— Ouve lá, ó amigo! Tu sabes o que vou ser? —
Tão nervosa estava que fazia perguntas e dava as respostas. — Parece-me que este bico é de pássaro... Irei ser, porventura, como o Rouxinol?

— Não conheço — respondeu o outro de mau modo.

— Pois não conheces um dos bichos mais bonitos que eu vi em toda a minha vida!...

E olhando mais uma vez para si:

— Vou ser rouxinol, com certeza. Só me faltam as asas.

Entusiasmada com a recordação do professor enamorado, começou a cantarolar:

*Sementinha, Sementinha,
que de grão quase fui bola.
Bola a bola, rebola a bola,
e depois vaca leiteira.
Mas logo nasce um rabinho
pra correr como o cavalo,
pra pular como o burrinho.
E de cima sai-me um bico...
Irei ser um rouxinol
como aquele professor
que fazia rir o Sol?
E asas para voar?!...*

A Feiticeira, atenta, pôs-lhe junto à cauda um par de asas e logo depois um outro.



*Quatro asas?!
Que grande atrapalhão...
Já não serei rouxinol,
mas, por certo, um avião...*

O Bicho de Conta sacudia-se a rir com a fantasia da Sementinha. Esta não gostou da graça e perguntou-lhe, toda rebitesa

— De que te ris, meu feião?! Quatro asas não são para voar? Ora o esperto!...

— As moscas também voam — respondeu-lhe o outro na sua voz grossa. — E são feias!... Feias e nojentas!

— Mas eu nunca serei feia como tu...

Em resposta, o Bicho de Conta enrolou-se, pondo-se a rolar como uma bola.

— Ai, que engraçado! — gritou a Sementinha, entusiasmada. — Faz lá isso mais uma vez... Tu és palhaço de circo, por força!

— A minha vida é outra, amiguinha. Como os bichos maus que te querem matar. Sou um dos teus protectores...

— Ah! — E depois de hesitar: — Não acredito, sabes? És assim... assim um bocadinho feio. Só um bocadinho, mas és feio.

— Os feios também têm o seu préstimo — respondeu o Bicho de Conta, amuado. — E sem mim talvez não vivesses por muito tempo.

— Está bem, obrigado. Obrigadinho, ó Bicho de Conta! — A curiosidade é que a transtornava. — Mas que julgas então que vou ser?

— A flor mais linda que há na terra! — respondeu o bicharoco com ternura.

— Eu, flor?!...

Da cauda nasciam-lhe cada vez mais rabinhos, para um lado e outro, enquanto a hastezinha que crescera para cima se tornava mais forte e se desenvolvia sempre. E já tanto que a nossa amiga julgou sentir no corpo delgado o calor ameno do Sol. E deu um grito para além das grades, já esquecida do Bicho de Conta.

— És tu, Sol? — gritou a Sementinha com tamanha força que ficou rouca.

— Sou, sim, minha amiguinha! Vem depressa, anda!...

A Sementinha perdeu a cabeça com o entusiasmo de se ver libertada. E subiu mais, num esforço sem olhar a canseiras. Cada vez mais e sempre mais, pensando com alegria: «É agora! É agora, sim, tenho a certeza!»

Mal passou a última porta do palácio onde a Terra-Feiticeira a prendera, a nossa amiga ficou tonta com a luz e as cores do campo. E chorou a alegria enorme de se ver em liberdade.

— Obrigada! — disse para a Terra num reconhecimento.

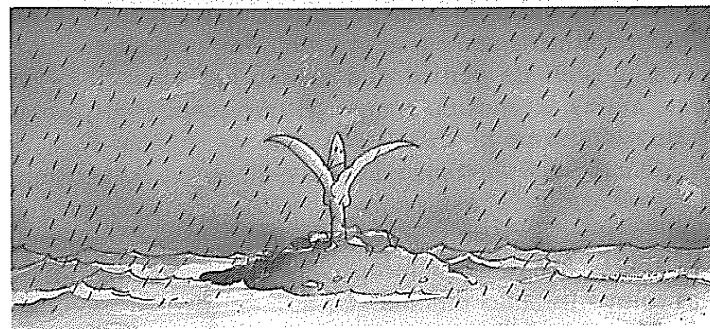
— Mas que voz a tua...

— Constipei-me — disse, numa desculpa, julgando que a castigariam por ter chamado pelo Sol. — Chegaste a meter-me medo... Mas agora sou feliz.

— Tens ainda muito que viver — respondeu-lhe a Feiticeira. — O teu encantamento ainda não acabou.

— Serei uma flor, como disse o Bicho de Conta?

— Mistério! — sussurrou a Terra num sorriso amigo. — Grande mistério!...



O grande mistério

As surpresas não acabavam para a Sementinha.

À sua volta tudo estava verde, de um verde muito doce, capaz de envergonhar o das folhas que ela vira nas árvores do bosque. Olhou para si e viu o corpo no feitio caprichoso de duas lanças do mesmo verde-acetinado, tão diferente do bago moreno que encantara o Rouxinol vagabundo. E ainda ignorava que nos botões das axilas das suas três primeiras folhas logo começariam a despontar novos colmos.

— Ó Sol!... Sol!... Se vires o professor de Música...

Mas logo se calou, embaraçada, quando percebeu que do eixo do seu corpo franzino lhe nasciam outras folhas e que aquele engrossava e se transformava numa cana frágil, muito cheia de pequeninos nós.

«Que coisa!», exclamou, aflita. «Querem ver que vou ser um canudo para fazer bolas de sabão?...»

Nova hesitação lhe veio ao espírito quando sentiu as suas raízes funcionarem como máquinas perfu-

radoras, munidas de bombas minúsculas e mágicas, que procuravam a água e o ar por entre as camadas da terra. E gostou de pensar que já não era uma só coisa, mas várias ao mesmo tempo. E que respirava e transpirava como os homens.

Dando mais atenção às suas raízes, a Sementinha reparou que nelas tinham nascido umas coifas para lhes protegerem as pontas, não as quebrassem os obstáculos da terra, ao mesmo tempo que lhes orientavam o crescimento. Isto envaideceu-a. Sentiu-se munida de uma bússola e de um escudo de guerreiro. O pior é que notou que nas hastezinhas das raízes lhe nasciam pêlos.

«Querem ver que vou ter barba? Que coisa feia!... Uma menina de barba!...»

E a Sementinha choramingou a sua triste sorte. A Terra sorriu daquele desabafo e não se deu ao cuidado de a sossegar.

Uma das raízes é que lhe falou:

— Ouve lá! Que disparate é esse de estares aí com lamúrias? Estamos nós aqui a trabalhar...

— A trabalhar em quê? — perguntou a nossa amiga, muito aborrecida.

— A trabalhar para que vivas e cresças. Não vês que cada um destes pêlos é um mineiro que vai pela terra dentro à procura do teu alimento? E que às escuras, sem lanterna, ao menos, e em brigadas como os mineiros, te arranjam mais água e ar, metendo-nos em galerias, que escavamos sem canseira?

Triste e desorientada, a Sementinha quis logo saber, abelhuda, que espécie de bicho ou máquina iria ser.

— Olha, o que tu não tens é vergonha — respondeu-lhe a raiz. — Já toda a gente se ri de ti quando te pões a adivinhar tolices. Julgas que vais ser bola, e

vaca, e cavalo, e pássaro, e não sei que mais... Vê mas é se nos ajudas, porque também precisamos de ti cá em baixo...

— Não fiz por mal!

— Cansados de tanto esforço — prosseguiu a raiz — os mineiros mais velhos morrem. E logo são substituídos, nas brigadas, por outros mais jovens, que aqui se esgotam de trabalho para que vivas sempre... E tu com fantasias!

— Não sabia, palavrinha!

— É a desculpa de sempre!... Palavrinha, não sabia... E as brigadas, cá no fundo, a esforçarem-se, noite e dia, para te darem água, ar e minérios...

— Essa agora!

— Sim, minérios, e que não são poucos. Enxofre, fósforo e azoto, potássio e magnésio, sílica e cálcio... E ferro... E manganésio...

— E o que vamos fazer de tudo isso? — perguntou, transtornada, a Sementinha.

— Bem se vê que andas de Cabeça no ar! Tudo isso é o teu e o nosso alimento. Nós carregamos esses minérios para cima e tu é que os transformas nas folhas, que são máquinas seleccionadoras, mandando-as depois, pelas veias, ao caule e cá para baixo... Quando transpiras, puxas a água. E parte dela deita-la fora, quando suas, ao mesmo tempo que com ela defendes as folhas do calor do Sol.

— Então sou uma fábrica!

— Lá voltas tu ao mesmo... Que feitio o teu! És um corpo que vive... E não é só o ar, a água e os minérios que tu reténs e digeres. Também a luz que recebes se transforma, em ti, nesse verde tão bonito que faz parte do nosso sangue...

Entretidas nesta conversa, nem reparavam que o Sol se apagara e que nuvens negras carregavam o céu. Já os trovões ameaçadores ralhavam ao longe, chegando-se pouco a pouco, e depois tão apressadamente, que a chuva desabou, cerrada e áspera, tocada por um vento agreste.

A primeira sensação foi de prazer — o prazer de quem toma um banho.

Mas a chuvada prosseguiu durante horas, até que a água começou a entrar aos jorros pelas fendas da terra, e em tal abundância que o ar foi desaparecendo. Aflita, a nossa amiga começou a ter dificuldades em respirar, como se uma corda forte lhe esganasse os colmos do seu corpo ainda débil.

Cada vez mais angustiada, ela olhava o céu. E nem o Sol nem as asas de um pássaro qualquer lhe traziam o conforto da sua companhia.

Era uma tortura terrível.

Isolados, sem a seiva que as folhagens lhes mandavam, os mineiros, lá no fundo, lutavam com desespero para viver. Os mais fracos cediam já, tornando-se amarelos e caducos. E o seu apelo chegava cá acima, onde o ar não vinha.

— Socorro!... Socorro!...

«Onde estavam as brigadas de salvamento? Iria deixar que morressem os seus companheiros?», pensava a Sementinha numa tortura.

E numa ansiedade pediu:

— Não nos mates! Não sejas má, Feiticeira!...

— Que queres tu que eu faça? — gritou a Terra, saturada de água.

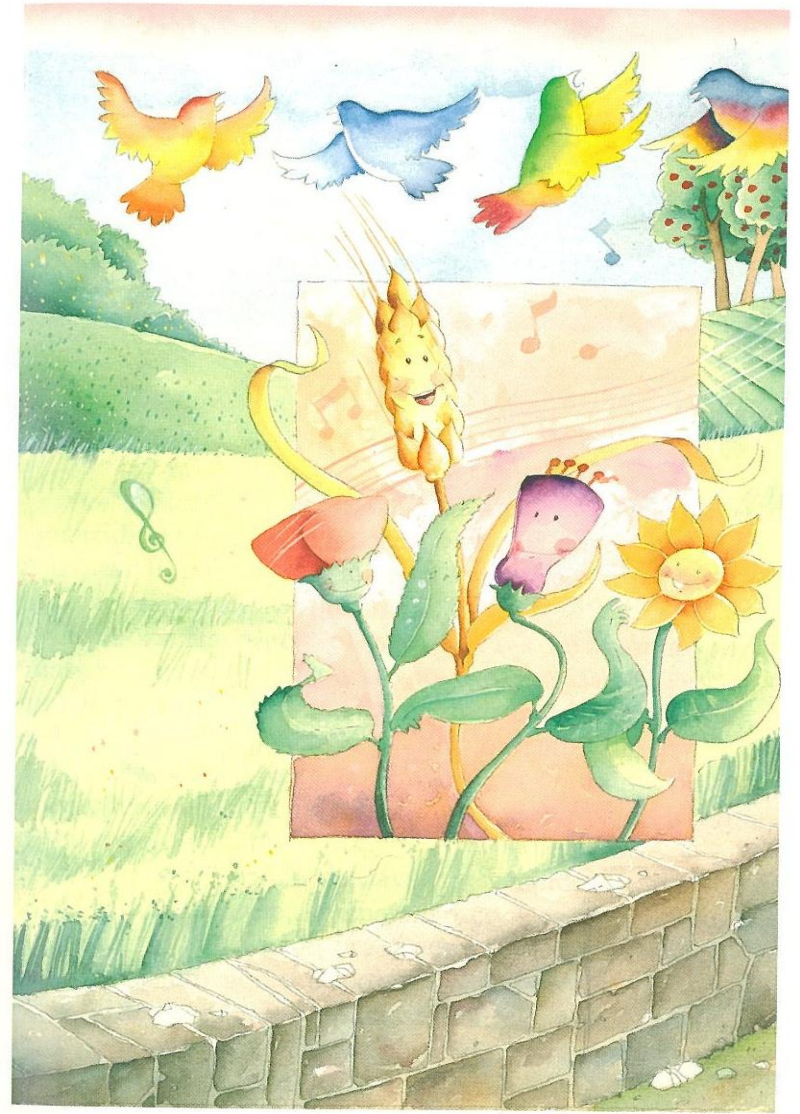
— Mas assim vamos morrer... Os mineiros, nas galerias, já não têm ar... As bombas não trabalham...

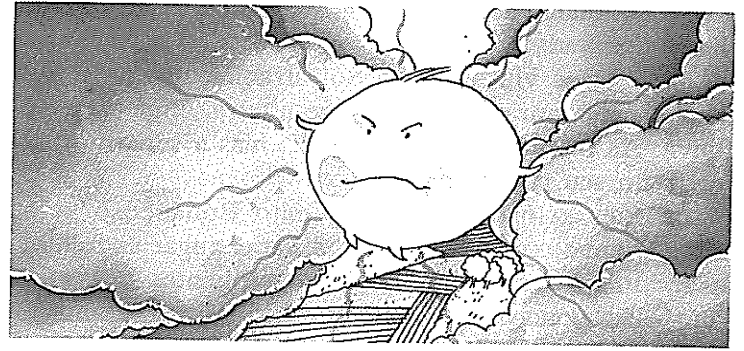
E aquela voz apagou-se, já exangue, enquanto as raízes amareleciam, mais e mais, sem alento para perfurarem novas camadas de terra onde encontrassem o ar que lhes faltava para viver.

As ribeiras e os riachos cresciam, caudalosos e irados; os rios iam turvos, barrentos pela terra que as chuvas arrastavam dos montes, levando tudo para o mar.

Sempre ameaçador, o céu parecia indiferente à angústia dos campos e dos homens.

Esgotada pelo cansaço, quase afogada em água, a seara do António Seareiro abandonou-se, resignada, àquela morte certa.





Ressurreição

As folhas verdes não podiam ver a batalha aguerrida que se travava no céu entre as nuvens negras e o Sol. E por isso se abandonavam, sem esperança, àquela terrível morte por asfixia.

Embora fraco! o Sol não deixava de apontar as suas lanças de fogo ao corpo espesso das nuvens, querendo rasgá-las para ir em socorro da Sementinha e dos seus companheiros. Num momento parecia-lhe que a luta iria acabar a seu favor; mas logo uma nova massa de nuvens o enrolava e envolvia, tornando inútil o seu esforço.

O Sol, porém, não se dava por vencido.

E insistia sempre, acometendo com os seus dardos de lume, ora a um lado ora a outro, na certeza de que encontraria um ponto fraco na frente do inimigo.

Assim sucedeu. Embora debilitado por tamanha luta, ele conseguiu aparecer, vitorioso, lá no alto do céu, arrastando o seu corpo em farrapos.

Num adeus exausto, as folhas verdes sussurraram-lhe: «Obrigada.»

Quando as viu assim, o Sol arranjou novas forças e luziu mais, atirando calor sobre a terra, empapada de chuva. As folhas tentaram respirar, mas a seiva já mal corria no seu corpo.

Foi nesse instante que o Vento Bonançoso veio também em auxílio da seara para lhe enxugar as folhas, levando consigo o hálito das suas milhentas bocas.

— Um pouquinho mais! — pediu a nossa amiga.

Azogado e aflito, um raio de Sol deitou-se lá de cima e sacudiu-a, quando a Sementinha estava prestes a morrer. Mas foi o Vento Bonançoso quem lhe deu a maior ajuda, ao descongestionar a terra da água que a invadira.

E toda a seara voltou a respirar ainda lentamente, como se tivesse medo de o fazer. Do fundo da terra, as brigadas de mineiros gritaram:

— Salvos! Salvos!...

E o eco daquela certeza percorreu todos os pêlos das raízes e chegou lá acima, às folhas que amareleciam.

— Obrigado, Sol! Obrigado, Vento Bonançoso!

Numa ressurreição, as hastes delgadas engrossaram mais, sempre protegidas pelas bainhas das folhas, que as defendiam das geadas e dos insectos.

Dias depois, como para festejar o esplendor da seara revivida, veio um rancho de raparigas fazer a monda, arrancando as ervas ruins que roubavam ao trigo a seiva da terra.

As moças cantavam, numa voz ardente:

*Verdizela é enleio,
que se enleia plo trigo...*

O ar, lavado pelas chuvas, era agora mais doce de respirar. E outras vozes, num coro esganiçado, acabavam a cantiga:

*... Se eu fosse verdizela,
enleava-me contigo...*

Descalças e dobradas sobre a terra, as mondinas dizimavam as ervas gulosas que furtavam os adubos e a água à seara. E o António Seareiro e a Maria Rita animavam o seu rancho, enquanto a passarada se mostrava mais afoita por adivinhar a Primavera.

Foi então que a nossa amiga começou a sentir que se engrossava no interior da bainha da folha mais alta. E depois que se esboçava a espiga, com as suas espiquetas e aristas, naquele casulo verde e delicado, enquanto as raízes, entusiasmadas, procuravam novas minas para exploração.

Sacudindo o frio das asas, veio o Chapim Azul dar o seu primeiro passeio sobre a seara, mostrando, muito emproado, o seu colete amarelo com listras negras. E cantava, o maroto, que um dia ameno não era para desprezar, tanto mais que no bosque ainda imperava a humidade, guardada pelas folhas das árvores.

Logo a Sementinha o reconheceu, ainda saudosa da sua aventura com o Rouxinol vagabundo.

— Olá, Chapim!

O pássaro deu uma volta rápida, mostrando-se estranho por ouvir o seu nome. E pôs-se a girar, num rodopio, enquanto a Sementinha ria às escondidas, a gozar com o espanto do outro.

— Quem chamou por mim? — perguntou depois

o pássaro. — Nada de brincadeiras — rematou com presunção.

— Olha que importante! — respondeu a Sementinha. — Já não me conheces?...

— Essa voz não me é estranha... Mas tu...

— Sou a Sementinha que os ouviu cantar a *Toada da Primavera*.

O Chapim Azul ficou triste.

— Não gostaste de me ver? — indagou a nossa amiga, percebendo a mudança.

— Não é bem isso...

— E o Rouxinol? — perguntou a Sementinha.

— O Rouxinol... Depois que o Pardal te roubou, nunca mais o ouvimos cantar. Acabaram os ensaios...

— Mas porquê?!...

O Chapim Azul suspirou.

— Não sabes porquê? Por tua causa... O Rouxinol precisa sempre de namorada. E depois daquele dia meteu-se no seu ninho e lá se deixou ficar, tão triste, tão só... Ele devia ter ido para o sul com os outros...

— Morreu de frio? — perguntou a nossa amiga com ternura.

— Talvez de amor — respondeu o pássaro.

E, olhando para o corpo da Sementinha, o Chapim Azul falou, um nadinha galhofeiro:

— Se ele te visse agora...

— Estou mais bonita?...

— Talvez... Não queres ir passear comigo?

— Não posso. A Terra-Feiticeira não me deixa sair daqui... Estou presa lá em baixo.

Decidido, o Chapim Azul deitou o bico ao caule da Sementinha e deu-lhe um puxão com quanta gana tinha.

— Cuidado, que me magoas...

— É pena!... — lamentou-se o pássaro. — Está um lindo dia!... — E reparando melhor na nossa amiga:

— Mas que transformação!

— Se visses! Já fui bola e vaquinha...

— Não acredito.

— Ora, pois não! E fui cavalinho branco...

— Deixa-a falar — disse uma voz, que a Sementinha reconheceu.

— Ora essa, Amarelo de Barba Preta. Não te julguei tão perto...

— Tenho cá andado na minha vida — respondeu o velho bago de trigo.

— Mas conta, conta — pediu o Chapim Azul, muito interessado nas transformações da noiva do professor.

A Sementinha olhou à volta, um tanto confusa.

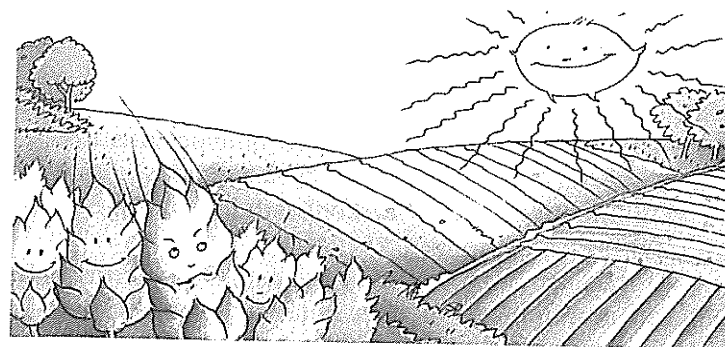
— Depois tive um bico e duas asas como tu... Olha, em seguida foi um tal crescer de asas e rabinhos que fiquei tonta de todo, sem saber o que me aconteceria.

— Mas agora estás linda... Toda verde, com flores...

Um bando de cegonhas, a tocar castanholas com os bicos, apareceu no horizonte e aproximou-se. Logo mais atrás, as andorinhas e os pássaros cantaroleiros regressavam do sul, em grandes bandos, enquanto pelos campos se entornavam cores, como se nos bicos da passarada viessem pintores com as suas paletas. E pincelada numa árvore, pincelada num arbusto, transformaram tudo num instante.

Envolvido por tantas asas, entontecido pela magia

daquela Primavera, o Chapim Azul viu-se arrastado para o bosque, cantando também, num trinar de que se não julgava capaz. E ali encontrou um coro de rouxinóis a desafiar um outro de pintarroxos, enquanto nos braços do Carvalho rebentavam folhas.



Uma menina com tranças

Domáveis como um caniço da beira dos rios, os colmos da Sementinha cresceram mais e mais, florescendo num fuso de espiguetas, cada uma com várias flores, muito aconchegadas umas às outras na capinha verde.

Deslumbrada com a sua beleza, que percebia ser igual à dos companheiros, a nossa amiga revia-se nas outras plantas, satisfeita do encantamento que a Terra-Feiticeira e o Sol lhe haviam reservado.

Este, que gostava de a ouvir, deu-se em espevitá-la.

— Então sempre vais casar com o Chapim Azul?

— Se ele cantasse como o Rouxinol... não m'importava de viver no bosque. Teria lá quem me penteasse as tranças...

— Ou quem tas comesse.

— Não faltava mais nada, senão fazerem almoço dos meus caracóis verdes...

— Não te lembras do Pardal? — perguntou o Sol Soalheiro num arzinho de riso.

Um tanto contrafeita, a Sementinha respondeu que sim.

— Pois se estiveste em perigo quando eras um só bago, que fará agora...

A Sementinha sentiu-se confundida.

— Mas estas flores...

— Irão ser bagos, muitos bagos, nascidos daquele baguito moreno que tu eras quando te prenderam no palácio da Feiticeira.

— É espantoso! Então depois de tudo isto...

— Deixa passar o tempo — disse o Sol, numa despedida, pois já eram horas de partir.

E lá se foi, num aceno, mergulhando no poente, no meio do esplendor de uma mancha doirada e vermelha.

Cada vez mais soalheiro, no outro dia lá estava no seu posto para atirar ondas de calor sobre a seara. E tanto que a Sementinha começou a sentir-se afrontada.

— Ó Sol! Toma lá cuidado com esse fogaréu... Não vês que me podes queimar e que não tem graça...

— Que delicadeza a tua!

— Pois se nem tenho um leque para me abanar...

O Sol riu-se da vaidade.

— Quem te viu e quem te vê! Não te chega, porventura, a aragem da noite e os orvalhos da manhã?...

As tranças verdes da Sementinha começavam a mudar de cor, sinal de que os grãos iam passando do seu aspecto leitoso para o da cera, ao mesmo tempo que todo o corpo endurecia. E era estranha aquela mudança, pois todas as outras plantas continuavam muito verdes.

Na seara, que vista de longe parecia um mar esverdeado, onde o vento quebrava ondas e pintava muitos tons, havia agora uma pequenina mancha amarelo-cobalto. Era o Sol que secava as tranças verdes da Sementinha e começava a torná-las loiras.

A nossa amiga é que não se apercebera disto, tão distraída andava, a pensar na sua beleza de agora e ainda mais nos sortilégios que estariam para lhe acontecer.

Quem a despertou foi a Sr.^a Cegonha, que fizera o ninho no alto de um choupo e andava a ensinar os filhos a voar, pois aproximava-se a noite de S. João, e a partir dela as cegonhas jovens teriam de viver por si.

— Bom dia, Espiga! — disse-lhe naquela manhã a Sr.^a Cegonha, toda espaventosa no seu xale branco de franjas pretas.

— Com quem estás a falar? — perguntou a nossa amiga.

— Contigo — respondeu-lhe a outra. — Com quem havia de ser?... Ou julgas-te uma princesa, lá porque os caracóis te começam a aloirar?

— Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga, mas sim a Sementinha.

A Cegonha bateu as castanholas do bico, assim com modos de quem troçava, numa risota.

— Foste Sementinha, foste! Mas agora...

E riu de novo, sacudindo o seu xale branco.

— Agora és a Espiga Loira...

— Loira, não. Sofres, com certeza, dessa doença dos homens que não distinguem as cores. Estou verde e bem verde — repontou com energia, olhando para toda a seara.

E ali se puseram as duas a teimar, até que o Sol veio resolver a contenda, a pedido da nossa amiga.

— Tem razão a Sr.^a Cegonha. As tuas tranças começam a aloirar primeiro do que nenhuma outras...

— Por culpa tua, Sol Soalheiro. Eu não te disse que me queimavas? E enquanto as demais estão verdes...

O Sol estava embaraçado.

— Dou-te a minha palavra de honra...

— Já conheço essa conversa.

— Palavra de Sol!... Eu dou calor igualmente a todas as espigas. Não tenho culpa de que a tua família seja mais apressada em amadurecer.

— Cantigas! São tão lindos os caracóis verdes... E logo a mim me escolheste...

O Sol irritou-se e não respondeu mais. A Cegonha é que insistiu:

— És tão teimosa, Menina Espiga!

— Muitas espigas — juntou o Pardal Pardalão, que se aproximara, provocando um arrepio de medo à nossa amiga.

— Contigo não quero conversas disse a Sementinha.

— Ora a tola!

— Não é por isso. Tu bem sabes a que me refiro. Julgas que não me lembro da partida que me fez um irmão teu?...

— Calha bem, eu não tenho irmãos — disse o Pardal para se desculpar.

— Irmão, ou primo, ou qualquer coisa da tua família. Quis comer-me, o malvado!

— Que maroteira! — exclamou o Pardal Pardalão, assim com modos de ganhar as boas graças da Sementinha.

Mas a nossa amiga não lhe deu mais atenção, porque à sua volta apareceram papoilas vermelhas, mal-mequeres amarelos e campainhas azuis, todos de mão dada, a bailar uma dança puladinha, que as espigas da seara secundaram, enquanto uma orquestra de pássaros tocava para eles.

E todo o dia se bailou no campo do António Seareiro.

À noite, muito cansada, a nossa amiga disse para o Amarelo de Barba Preta:

— Foi uma festança de truz!...

— Sabes, porquê? — perguntou o trigo sabichão.

A nossa Espiga abanou a cabeça sem poder falar, de tal maneira se comprazia em recordar os rouxinóis que lhe haviam trazido a lembrança do professor de Música.

— Está a chegar a ceifa — juntou o Amarelo de Barba Preta. — Virão aí as ceifeiras com as suas foices para nos cortar.

— Que maldade!

— Não sejas tola! Verás como tudo compensa. Seremos atadas umas às outras, em grandes molhos, que ficarão aqui, ao sol, até chegar o carro que nos levará à eira. E aí seremos debulhadas para darmos o trigo, que irá para a moagem, donde sairemos em farinha branca...

— Em farinha branca gosto! — disse a Sementinha, recordando-se do seu desejo de ser cavalinho.

— E daremos pão para os homens matarem a fome...

— Bem me dizias tu.

Uns passos de gente fizeram acabar aquele diálogo. «Serão já os ceifeiros?», pensou a nossa amiga.

Acompanhado do António Seareiro vinha um homem que tocava nas espigas, lhes apalpava os bagos e seguia depois o seu passeio atento. Junto do Amarelo de Barba Preta o homem teve uma expressão de indiferença e nem lhe mexeu. Mas quando chegou à Sementinha o rosto abriu-se-lhe num grande sorriso e olhou para o lavrador.

— Foi esta que amadureceu primeiro... É um belo exemplar!... Posso cortá-la?

— O Sr. Agrónomo manda... Cá por mim, o trigo é todo o mesmo. Vendo-o a peso...

Cautelosamente o Agrónomo arrancou uma espiga dos braços da Sementinha, desfez-lhe as palhas com os dedos e estendeu os bagos de trigo na palma da mão.

— É um extraordinário exemplar!

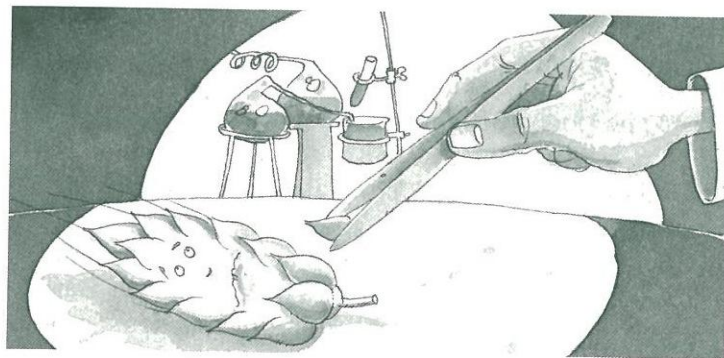
A nossa amiga estava receosa, adivinhando que a iriam cortar sozinha e que assim não poderia viver as aventuras maravilhosas de que lhe falaram o Amarelo de Barba Preta e os trigos do Oriente.

E perguntou baixinho para a Terra-Feiticeira:

— Ele não me vai fazer mal, pois não?

— Não, vai descansada. Tu e os teus filhos foram escolhidos para o destino mais belo que podem ter os bagos de trigo. Não te assustes!...

Sossegada, a Sementinha cerrou os olhos e deixou que o Agrónomo lhe cortasse todas as espigas, recolhendo-as num saquitel que trazia preso ao cinto.



A Sementinha é esquartejada

Quando se viu atirada com as suas espigas sobre uma mesa, tendo à volta, muito atento, um grupo de homens vestidos de branco, a nossa amiga teve um negro pressentimento. E pensou que a Terra-Feiticeira a enganara ao prometer-lhe uma vida diferente e mais bela.

A Sementinha estava a ser ingrata, mas a verdade é que os gestos dos homens e os seus silêncios não a deixavam aquietar-se. E, embora continuasse muda, as interrogações não tinham fim, enchendo-lhe a cabeça de receios.

Eles falavam, um tanto pensativos, dividiam-se em pequenos grupos e voltavam depois a juntar-se, mais atentos, para de novo lhe tocarem as espigas e lhe apertarem os bagos.

Foi então que o Agrónomo lhe arrancou mais um dos seus caracóis, agora de um negro-arruivado, fazendo-o passar de mão em mão, até chegar à de um

velho, que a mordeu de curiosidade com uns estranhos olhos de vidro.

Ali sozinha, voltou a sentir medo.

«Como poderia fugir daquele casarão?», interrogou-se com ansiedade.

O Sol estava longe, para além das janelas, que davam sobre um parque, e não parecia capaz de quebrar os vidros para vir salvá-la; mais longe ainda — onde estariam eles agora? —, o Amarelo de Barba Preta, o Serrano, o Rubião e todos os seus companheiros

Pensou em refilar, em deduzir todos os argumentos que juntara durante aquele martírio, de maneira a convencê-los. Talvez o velho a compreendesse. «O senhor tenha paciência!... Não é assim que se trata uma amiga do Sol... Amiga, pois! Que julga o senhor?... Durante muitos meses era eu quem lhe dava os bons-dias na seara...»

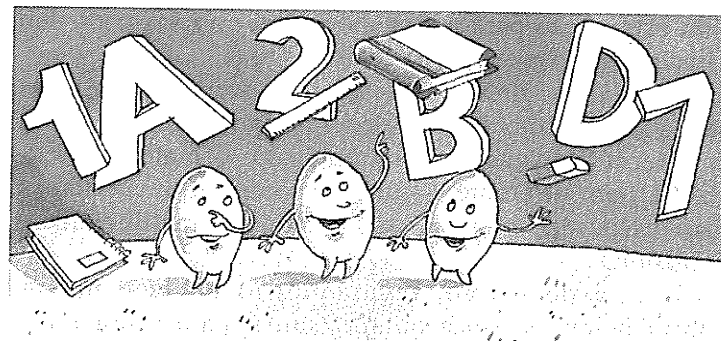
Mas depois tudo lhe pareceu inútil, perante a gravidade daquelas caras e as ameaças daquelas mãos.

E bem ameaçadoras, porque, sem mais explicações, foi exactamente o velho com olhos de vidro quem lhe separou todas as espigas, enquanto os outros, num frenesi, lhe esbugalhavam os grãos e os dividiam sobre a mesa.

Esquartejada, a nossa amiga já não podia perceber que sobrevivia, maravilhosamente, em dezenas de bagos de trigo, que eram os seus filhos.

Filhos diferentes entre si, tal como sucede com os filhos dos homens. E assim, enquanto uns haviam herdado certas virtudes da mãe, do avô ou da bisavó, outros denunciavam os defeitos, mas também os predicados, do bisavô, do pai ou da avozinha.

E que família!...



As meninas sementinhas vão à escola

Se a nossa amiga ainda existisse, talvez a fizesse rebentar de riso aquela ideia maluca de mandar bagos de trigo para a escola. E então as avós, essas, se pudessem, seriam capazes de espancar os homens de bata branca, tão estúpido lhes pareceria que eles intervissem nas leis da natureza.

As meninas sementinhas é que estavam entusiasmadas. E principalmente a que chamavam Asa de Corvo, por ser tão morena como a mãe, de quem herdara o mesmo feitio buliçoso e a curiosidade.

— Se calhar, vão ensinar-nos o á-bê-cê — dizia ela para as irmãs. E logo juntava, com a imaginação a saltitar. — Teremos livros e uma pedra para fazer contas... Vai ser engraçado!

Mas quando receberam a notícia de que as aulas iam começar e um dos homens de bata branca as levou num tabuleiro para o campo as sementinhas olharam

com estranheza para a Asa de Corvo, como a pedir-lhe satisfações do que iria suceder.

A aula não tinha carteiras, nem quadro preto, nem cartas geográficas pelas paredes. Eram vários canteiros com terra preparada pelos homens; e o material escolar era bem diferente — um termómetro, uma balança para as pesar, uma pá, um balde, um rastilho e um irrigador.

A Asa de Corvo, reparando no balde e na pá, confidenciou às irmãs que deviam ir para a praia.

— E o termómetro e o irrigador? — perguntou uma delas.

— São para quando estivermos doentes — respondeu-lhe a outra um pouco confusa. O termómetro é para a febre e o irrigador...

O homem de bata branca interrompeu-lhes as divagações, explicando que a sua escola era um ginásio, onde as sementes iriam, aprender a desenvolver-se mais depressa. E precisou:

— Nós, os homens, fazemos treinos para saltar dois metros, e mais, só com as pernas, ajudadas por certos movimentos do corpo. É um trabalho paciente e longo...

As sementinhas trocavam olhares de incompreensão.

— Os homens fazem ginástica... Vocês também farão uma ginástica especial.

— Para saltarmos dois metros? — indagou a Asa de Corvo.

O homem sorriu-lhe, complacente, admirando o desembaraço daquele grão.

— Não é bem isso!... Há certas searas que se perdem com as geadas de Verão. Isso sucede em certas regiões, enquanto noutras o frio ou o calor demasiado



não deixam que vocês lá consigam viver. O trabalho desta escola consiste em prepará-las para as regiões que precisam de trigo, e que o não têm, ou para aquelas onde o tempo as enfraquece e mata. Agora vocês são irmãs, muito parecidas umas com as outras. Mas quando saírem daqui, com o vosso curso acabado, cada uma será diferente.

— Assim como os homens — disse a Asa de Corvo, entusiasmada por ter compreendido. — Uns estudam Engenharia, outros Direito...

— É isso mesmo — respondeu o homem de bata branca. — As que se destinam aos países frios viverão naquele canteiro, numa temperatura abaixo de zero...

— E dão-nos um casaco de peles? — perguntou, arrepiada, a sementinha abelhuda.

— É quase!... Essas terão a luz ou a escuridão, o calor ou o frio, que nós sabemos serem precisos para que resistam. Morrerão algumas... Nem todos os homens são capazes de saltar mais de dois metros. Mas as que ganharem as qualidades necessárias poderão viver nas terras frias.

— É para aí que eu vou?!...

— Não! Tu irás para o Alentejo, onde um vento terrível e de fogo, o Suão, mata as tuas irmãs, quando ali chega, em princípios de Junho...

— Mas eu vou morrer! — disse, angustiada, a filha da Sementinha.

— Talvez não... É por isso que estás neste curso de Ginástica. Precisas de correr muito, de ser mais veloz do que o tempo. Terás de vencer o Vento Suão e o Calor, que desidrata as plantas e engelha os grãos na última fase. É uma tarefa difícil, mas por isso mesmo vale a pena...

A Asa de Corvo não se mostrava muito convencida.

— Precisamos que baixes um *record* difícil de bater — prosseguiu o Agrônomo. — Terás de ser ceifada uns dez dias antes do prazo normal, enganando os teus perseguidores. — Será formidável, se o conseguires...

— E se deres para tanto — esclareceu o homem.

Decidida, quase arrogante, a Asa de Corvo só respondeu:

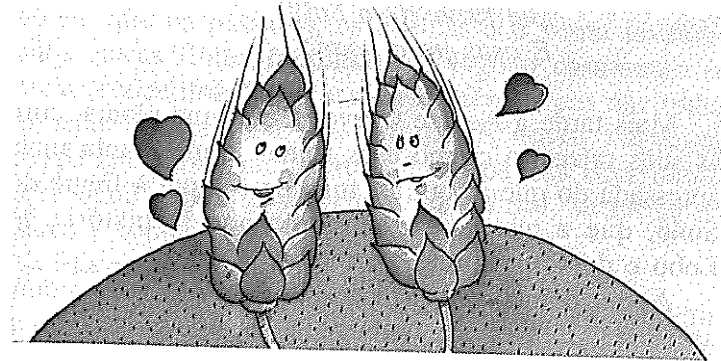
— Veremos!

O homem de bata branca sorriu de satisfação e logo a sua voz grave se fez ouvir:

— Vamos ao trabalho! E nada de desânimos...

As sementinhas nem pestanejaram, orgulhosas do seu destino.

E lá marcharam a caminho dos canteiros, cuja terra fora previamente preparada — terra que era igual à das regiões para onde depois seriam levadas, mal acabassem o seu curso de Ginástica.



A Asa de Corvo casa-se como os chineses

A história começa a complicar-se e a pedir um pouco mais de atenção.

A Asa de Corvo cresceu como a mãe, a nossa amiga Sementinha, vivendo aquelas aventuras de que ainda nos lembramos.

*Sementinha, Sementinha,
que de grão quase fui bola.
Bola a bola, rebola a bola,
e depois vaca leiteira.
Mas logo nasce um rabinho
pra correr como o cavalo,
pra pular como o burrinho.*

*E de cima sai-me um bico...
Irei ser um rouxinol
como aquele professor*

*que fazia rir o Sol?
E asas para voar?!...*

Mais tarde a Asa de Corvo já era uma planta, com as suas raízes, o colmo e as folhas. Uma planta mais apressada do que as outras, fugindo sempre à frente do Suão, que a queria comer, como aquela história do Lobo e do Capuchinho Vermelho.

Agora começaram a nascer-lhe as espiguetas com as flores. É a época mais bela da sua vida, com a Primavera à volta, os pássaros cantaroleiros a encherem o ar de gorjeios e as flores a abrirem-se por toda a parte até parece que as pedras florescem e cantam.

É por essa altura que a Asa de Corvo pensa em casar. «Com quem há-de ser?... Já não posso enganar-me como a minha mãe, que julgava poder noivar com o Rouxinol. Só com outra flor...»

Ela já sabia que algumas das suas flores eram machos e as outras eram fêmeas, como os filhos dos homens e das mulheres. Que os machos tinham esse maravilhoso pó amarelo, o pólen, encerrado em dois pequeninos sacos. Um pó amarelo e mágico que quando toca nos pistilos das flores femininas as transforma, penetrando nelas até ao ovário, para fecundar o óvulo e criar uma nova planta.

É na Primavera que o trigo tem a sua lua-de-mel. E era por isso que a Asa de Corvo queria casar, pondo-se à janela, como a Carochinha numa outra história muito conhecida.

— Quem quer casar com a Asa de Corvo, que também é bonita e formosinha?

Até ali a fecundação das suas avós e da sua mãe fizera-se ao acaso. As flores masculinas atiravam o

pólen, que os pássaros, as abelhas e o vento levavam para outras flores femininas. E logo o casamento se fazia, concentrando-se a vida da fêmea em dar todas as suas energias para os filhos, os novos bagos de trigo, que nasceriam verdes e tenros nas espiguetas, para depois, com o calor e a luz do Sol, se tornarem duros e tomarem a cor dos seus pais.

Eram noivados feitos com quem aparecia.

Mas agora os homens de bata branca estavam alerta, sabendo que podiam casar uma certa planta de amadurecimento rápido com outra que lhe desse a força e o rendimento em farinha que lhe faltavam.

E assim como noutros tempos os Chineses casavam, não com quem queriam, mas com noivas escolhidas por outrem, assim as flores de trigo já se casavam segundo as conveniências do homem.

Lembrando-se do que ouvira a sua mãe, a Asa de Corvo gritou e barafustou quando o homem de bata branca, muito cautelosamente, com a ajuda de um par de pinças, se pôs a afastar as glumas verdes das espigas e lhe foi arrancando os estames de pólen das suas flores masculinas.

— Isso não! Isso não! Deixa-me também ser rapaz!...

— Não t'importes com isso! Não queres fazer pirraça ao Suão e ao Calor? Não queres ser mais veloz do que o tempo?...

— Sim, quero — respondeu a semente abelhuda, limpando as lágrimas. — Mas assim estás a arrancar uma parte do meu corpo.

— Que não te faz falta!... Lembra-te de que no Alentejo os homens estão à tua espera para que lhes leves o pão.

Só então a Asa de Corvo compreendeu o seu casa-

mento de conveniência. E foi com alegria que esperou a volta do homem de bata branca, como se ele fosse uma abelha portadora do pólen de outra flor mais robusta. E com mil cautelas aquele deitou-lhe sobre os pistilos o maravilhoso pó amarelo, colocando novamente no seu lugar as glumas que tinha aberto com as pinças, de maneira a proteger-lhe os órgãos.

O pior é que o pólen vagabundo de milhares de flores andava no ar, e o vento ou os insectos poderiam ainda estragar aquele casamento. Nada deixando ao acaso, o homem envolveu então as espigas da Asa de Corvo num papel fino, de maneira a que outro macho não a pudesse tentar com promessas de noivado.

Ainda curiosa, como era a Sementinha, sua mãe, a noiva perguntou:

— Vou mudar de nome?

— Sim. Os teus filhos serão Híbridos, novas plantas feitas pela mão do homem.

— O nome é esquisito... Híbrido! Que coisa!...

Mas os filhos chamavam-na para que os fosse alimentar; e a semente abelhuda, que era mãe desvelada, voltou-se para eles e nunca mais conversou com o homem de bata branca.

A corrida contra o tempo tornara-se emocionante e tomava-lhe todos os esforços.

Nervosa, empolgada de entusiasmo, como uma poldra de concursos hípicas, a Asa de Corvo ganhava alguns minutos todos os dias na maturação das novas espigas nascidas do seu casamento científico. Lá longe, nos desertos de África, o Vento Suão reunia os seus quadrilheiros para queimar quantas searas e flores débeis encontrasse no seu caminho de morte.

Estava-se em meados de Maio e o vento assassino

não tardaria a encetar a viagem. Logo que aparecesse, a planície da solidão ficaria mais só ainda.

O esforço da Asa de Corvo era cada vez maior. «Depressa! Mais depressa!», pensava ela para encontrar coragem naquela corrida sem igual. Algumas vezes julgava-se incapaz de vencer. Mas a ansiedade dos que esperavam o resultado da sua luta e a certeza de que trabalhava pelo bem dos homens vinham dar-lhe alento para prosseguir sem olhar a canseiras.

O Vento Suão mal suspeitava de que um bago de trigo o iria vencer.

Num último sacrifício, quase exausta, a nossa amiga foi ceifada doze dias antes de aparecer a quadrilha dos incendiários.

O feito glorioso foi contado pelos jornais e pela rádio. Fotografada em espiga e em grão, a Asa de Corvo emocionou o mundo e de toda a parte surgiram pedidos para a estudarem e casarem com trigos doutras espécies.

A sementeira no Alentejo fez-se no ano seguinte com novos grãos que ainda ninguém vira por ali. Desconfiados ainda, os seareiros e lavradores atiraram-nos à terra. Mas quando a colheita se pôde fazer, antes que o Vento Suão a queimasse, eles perceberam que a Ciência tinha apagado outra mancha de fome.

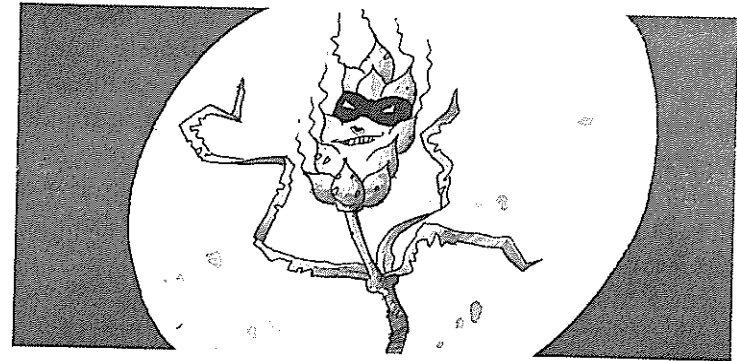
As festas daquele ano foram mais alegres do que nunca.

Um dos seareiros, conheci-o eu, comprou ao filho um par de botas de sola cardada. E dizia a toda a gente:

— Um homem civilizado...

Aqui fazia uma pausa, para que vissem bem a palavra que aprendera:

— Um homem civilizado, se tem o pão certo, não pode andar descalço como os burros ou os pombos...



Um viveiro de sementes e de histórias

O camponês tinha razão.

Mas se um homem do nosso tempo não deve andar descalço, como os pombos ou os burros, também um trigo civilizado não pode nascer ao deus-dará do acaso, para gerar filhos preguiçosos e ladrões.

Ladrões de pão e de trabalho, pois então!

Embora não usem espingarda nem navalha, como os bandoleiros, eles são salteadores de terras e searas, espalhando a fome por onde os semeiam, tão pobres e raquíticas são as suas espigas.

Por isso mesmo, temos de exterminar, e depressa, essas quadrilhas de trigos malfeitores, que tanta desgraça espalham por culpa nossa.

A terra pode alimentar toda a gente que nela vive. Mas há ainda milhões de hectares improdutivos como os desertos e milhões de seres humanos sem esperança e sem pão assegurado. Deixar que a morte e a fome

passassem entre nós, quando a Ciência já nos ofereceu os companheiros para uma vida mais radiosa, é trair a natureza e a nossa condição. Temos de continuar a batalha sem hesitações, porque das cavernas à cidade está a certeza da nossa vitória final.

O caminho não tem sido fácil. Mas a coragem e o coração dos homens fazem milagres todos os dias.

Estou a lembrar-me...

As histórias nunca mais acabariam, se lhes fosse contar só as que se ligam à luta contra a fome.

Estou a lembrar-me de Carleton e Mitchurin, por exemplo.

De Carleton, que morreu pobre no interior do Peru e fez dos Estados Unidos da América esse celeiro prodigioso de trigo e de pão. Desse homem desajeitado e taciturno que foi às estepes agrestes de Turgai, na Ásia Ocidental, carrear sementes de um trigo de aparência decadente, o *Kubanka*. De grãos duros, colmos mirrados e grossos, como os próprios camponeses que o semeavam e colhiam, essa espécie conquistou o Noroeste americano, tornando produtivos quatro milhões de acres de terra sem préstimo. Só o fabuloso *Kubanka*, sóbrio em beber água como os camelos das caravanas, conseguiu deitar raízes e crescer nesses campos agrestes da América.

Isso, porém, não bastava ainda.

Os moleiros recusavam-se a moê-lo, tão rijo era o seu grão — «Isto não é trigo, é aço!» —, a pretexto de que lhes estragava as mós das fábricas e moinhos. Carleton implorava, insistia, mas riam-se do seu «trigo de macarrão», como lhe chamavam, por desdém.

Até que um moleiro inteligente, contaminado pela certeza do gigante taciturno, construiu um moinho de

mós especiais para farinar o *Kubanka*. E só então a América pôde ter uma verdadeira indústria de massas alimentícias.

Carleton pensara no Noroeste do seu país, mas não podia esquecer essa tragédia do seu tempo: um milhão de homens expulsos do Oeste americano por uma colheita de trigo que se frustrara.

Ele olhava aquela terra negra e hostil e sentia, tinha a certeza, que searas fartas de pão podiam viver ali em abundância. Durante muitos anos Carleton sofreu vexames e perseguições, mas nunca cedeu um lugar para a descrença. Confiava na terra e em si.

Consultando mapas, comparando sementes, tentando sempre, sem uma quebra de energia, foi buscar às estepes russas o trigo *Kharkov*, sem pensar que entre si e esse trigo havia milhares de quilómetros, um oceano e as gargalhadas de troça dos fazendeiros e agrónomos, que não acreditavam nesse visionário.

Mas o *Kharkov* arribou à América nas malas do gigante taciturno. E com ele, finalmente vitorioso, se semearam vinte milhões de acres de terras americanas do Oeste.

Carleton morreu pobre e abandonado. Muitos não lhe conhecerão o nome; mas as messes prodigiosas desse celeiro sem fim, que só a sua coragem tornou possível, prestam-lhe homenagem todos os anos, quando filas de caminhões rolam pelas estradas, carregados de milhares de sacos de trigo para os silos e para as fábricas. E com eles o pão de milhões de homens.

Como esse visionário do trigo, mas mais poeta, foi Mitchurin, um homem de aparência insignificante, encarregado do relógio de uma estação de caminhos-

-de-ferro. Vendo a pobreza das árvores frutíferas do seu país, pensou que tinha uma mais alta missão a cumprir.

Abandonou o emprego, vendeu a casa que o pai lhe deixara e foi comprar um pequeno pomar maltratado, onde predominavam as macieiras e as pereiras. O tempo nunca mais contou para o homem insignificante que cuidava todos os dias de um relógio de estação.

E ali andou ele, alvo de troças, anos e anos sem conta, fazendo do seu pomar um laboratório de um tipo novo que se não conhecia. Levava pólenes de umas flores para outras, casava uma macieira russa com outra de origem francesa, fazia frutos inteiramente desconhecidos, cruzando uma certa espécie de maçã com cerejas, ameixas e outros frutos, e entre fracassos e pequenas vitórias saiu do pomar de Mitchurin uma grande certeza: os homens poderiam fabricar produtos hortícolas, árvores de fruto e cereais, como se fabricam automóveis ou aparelhos de rádio, segundo o gosto ou as necessidades de cada país.

Hoje existem muitas dessas fábricas.

Maravilhosas fábricas de plantas com centros de projectos, onde se determina o tipo adequado para um certo clima ou terreno; oficinas de reparação nas quais dão entrada as sementes defeituosas ou alteradas com o tempo, para de lá voltarem à terra, pujantes e generosas como antes; e centros de readaptação e escolas de sementes, como aquela que frequentaram as filhas da Sementinha, vencedoras do Vento Suão do Alentejo.

Os casamentos não têm fim e ultrapassam a imaginação dos poetas.

Cruza-se trigo com centeio, trigo de grão redondo das Índias com o trigo do Afeganistão, que mal precisa

de água para viver, como o *Kubanka*; ou ainda o trigo da Escandinávia com outro precoce da Primavera, se não entendem ligar qualquer deles com esse prodigioso trigo do Himalaia, que amadurece em menos de cem dias, deixando a boa distância todos os cereais corredores de velocidade.

E quase todos os dias se enriquece o viveiro de histórias e de sementes.

Na Primavera deste ano, em Inglaterra, aplicaram a energia atómica para a multiplicação dos pães, bombardeando as sementes do trigo *Koga*. E o milagre deu-se, talvez para mostrar a alguns homens que a força nuclear é uma força para a vida: os mil e duzentos hectares semeados com o «trigo atómico» produziram a seara mais pujante que o homem até hoje conheceu, dando o dobro do normal e uma farinha de qualidade superior.

Não sei se mais branca, mas, de qualquer modo, promissora de uma era de paz e de fartura.

Os sonhos dos homens já começam a ser tocados pelas suas mãos. E só hoje isso se tornou possível.

Recordo-me de um sonho esquisito que tive em criança e me fez sorrir.

Vi uma árvore, talvez uma laranjeira, que, em lugar de frutos doirados, deixava crescer nos ramos esses pãezinhos tostados e loiros, gulodice da minha infância, por serem novidade nas padarias.

Esqueci essa visão gulosa e só agora, ao documentar-me para esta história, voltei a lembrá-la, com ternura e saudade.

A notícia entonteceu-me, confesso.

Os agrónomos, os feiticeiros das plantas, começaram a casar uma gramínea rústica e opulenta, natu-

ral do Norte do Cáucaso, com várias espécies de trigo. O marido é essa planta perene, enquanto as flores do trigo servem de noivas. De experiência em experiência, ora com um precoce da Primavera, ora com um trigo de Inverno, os casamentos sucederam-se, até se conseguir o par ideal.

O resultado é de maravilha: a nova família já deu filhos sádios, que chegam a produzir cem espigas, distribuídas pelos ramos dessa pequena árvore com dez centímetros de diâmetro no caule.

O meu sonho de menino é quase uma realidade.

Trigo sem sementeira e sem ceifa, com ranchos de mulheres que irão colhê-lo, como aos frutos de uma laranjeira.

E agora tudo parece possível.

A civilização habituou-se a viajar de avião: todos os dias a Ciência a leva mais depressa. E caminharíamos sempre com ela na companhia de novos trigos, trigos vedetas, como as do cinema e do teatro, que têm nomes célebres, histórias da sua vida, retratos nos jornais, e vão chegar a toda a parte, mesmo àquelas terras áridas e secas como os desertos.

E com eles as fábricas de adubos, as máquinas de ceifar, debulhar e ensacar ao mesmo tempo, as ceifeiras-debulhadoras ou combinadas, os tractores, as charruas e os sachadores mecânicos...

Trigos pródigos, de mãos largas para dar o pão, mas exigentes.

Trigos que impõem a mecanização e já se não compadecem do processo rotineiro da azenha e do moinho, obrigando que o moam em fábricas poderosas, onde o aproveitam para mil fins. Trigos que pedem padarias electrificadas, onde as mãos não tocam

na farinha, e em que só uma fábrica dessas é capaz de alimentar Lisboa.

É verdadeiramente o pão do progresso, que só não exige que o comam com o suor do rosto.

O camponês tinha razão.

Quando a noite chegou a nossa amiga Sementinha procurou um torrãozinho de terra, deitando nele a cabeça para adormecer. E sonhou com o rouxinol vagabundo, a cantarolar para lhe trazer o sono, enquanto os dois chapins azuis a embalavam na teia doirada da aranha; depois vinham mais pássaros, todos os que vira no ensaio do bosque, e que traziam no bico o Amarelo de Barba Preta, o Serrano, o Rubião, o Mocho de Espiga Branca e os outros seus companheiros, bagos de trigo.

Acompanhando as aventuras da Sementinha, é a fascinante história do trigo que Alves Redol conta às crianças.

Alves Redol (1911-1969) foi um dos nomes cimeiros do neo-realismo em Portugal e é um dos grandes escritores portugueses do nosso século.

DE PAR
EM PAR
CAMINHO

A Vida Mágica da Sementinha

ALVES REDOL

